



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Boletim informativo

Ano 2 :: Número 13 :: junho 2020

COVID-19

Debate com docentes e estudantes

A incerteza depois do Verão

No balanço dos últimos quatro meses, os docentes do ICS reconhecem que as atividades de ensino à distância decorreram de modo aceitável, mas é com apreensão que começam a planear o próximo ano letivo. O contexto de incerteza que se manterá depois do Verão e as limitações estruturais do ICS, que não tem salas próprias para as atividades letivas, são as principais preocupações dos docentes do Instituto. Num debate organizado pela Presidência, no dia 17 de junho, foi consensual a ideia de que será necessário garantir condições de segurança, mas também corresponder às expectativas dos estudantes.

Para os alunos, que a Presidência também convidou para um encontro de reflexão, no dia 23 de junho, é no ritmo dos trabalhos de pós-graduação que se situa o maior dano da suspensão das atividades presenciais. A escassez de iniciativas de interação com outros investigadores e a dificuldade de acesso a recursos de documentação e aos próprios objetos de estudo estarão a causar atrasos na execução dos planos de trabalho. ☉

Seminário internacional

Pensar o futuro em diálogo com a Europa

Um debate interdisciplinar, para refletir além do modelo biomédico e das decisões governamentais e combater o isolamento das universidades na preparação do próximo ano letivo. É este o objetivo do seminário que a Presidência do ICS promove no dia 23 de julho, a fim de pensar o futuro em diálogo com cientistas sociais de outras instituições europeias. O encontro, que se realizará online, contará, entre outros, com a participação já confirmada de Barbara Prainsack, da University of Vienna and King's College of London, e de Martyn Pickersgill, da University of Edinburgh. ☉

EDITORIAL



Helena Machado
Presidente do ICS

BALANÇO E FUTURO

A pandemia COVID-19 trouxe profundos e complexos impactos a toda a comunidade ICS: docentes, estudantes, investigadores e funcionários. Todos, sem exceção, estamos a sentir as perturbações avassaladoras desta crise. Abruptamente, tivemos de passar para o ensino e investigação à distância e para teletrabalho. O mundo tornou-se mais fluído, maleável, desigual e, sobretudo, radicalmente incerto.

É altura de fazer um primeiro balanço das implicações causadas pelas respostas de emergência às circunstâncias sem precedente histórico que vivemos hoje. O abalo causado pela pandemia COVID-19 foi coletivo, mas não fomos todos atingidos da mesma maneira. Desigualdades de diversa índole, muitas delas pré-existentes, tornaram-se mais evidentes durante este período de crise. A atomização criada pela distância física trouxe sentimentos de isolamento e solidão. Sem qualquer formação especializada para lidar com emergências e calamidades, a equipa da Presidência tentou mitigar esses danos, desencadeando ações de proximidade e acompanhamento permanentes junto de estudantes, docentes e funcionários.

Para (re)construir o futuro do ICS será necessária uma abordagem holística, assente na cooperação, solidariedade e participação. O próximo ano letivo depende, em larga medida, de fatores estruturais que escapam ao controlo da Presidência do Instituto: desde o acesso a infraestruturas e espaços para atividades letivas e de investigação a recursos financeiros. Em todo o mundo ocidental, à presente data, há escassas certezas relativamente ao modo como vão funcionar as universidades depois das férias de Verão. O cenário mais consensual é que permanecerão restrições acentuadas na ocupação dos espaços, pelo imperativo, que se admite ainda persistir ao longo dos próximos meses, da necessidade de manter a distância física e cumprir com rigor regras de segurança em espaços públicos ocupados de modo intensivo. A forma como vamos conjugar ensino à distância e ensino presencial dependerá mais da evolução epidemiológica e do roteiro de ação governamental, do que de escolhas pedagógicas ou opções ideológicas. Existirá uma forte descoincidência entre aquilo que gostaríamos de fazer – retornar à “normalidade” – e aquilo que poderemos efetivamente concretizar numa sociedade que está ainda em processo de aprendizagem muito precoce para lidar com riscos sanitários pandémicos.

Neste contexto de elevada incerteza, há uma convicção inabalável na ação da Presidência do ICS: a nossa prioridade é a segurança e o bem-estar de todos. Esta missão não se esgota em preocupações desenhadas pelo modelo biomédico. Significa para nós um compromisso com valores de transparência, solidariedade e proteção do bem comum em detrimento de posicionamentos individuais. ☉

Joaquim Fidalgo deu a última aula a 4 de junho

“Tive a sorte de fazer duas carreiras, a de professor e a de jornalista”

Está reformado desde abril, mas assumiu o comando de duas unidades curriculares até ao final do ano letivo. Joaquim Fidalgo integra a equipa docente do ICS desde 1998.

Entrevista de Madalena Oliveira

Fotos da participação de Joaquim Fidalgo num congresso em Maputo, em 2018



Como é sair da Universidade no contexto excecional que vivemos?

É muito estranho. Numa situação destas, a antecipação foi total, de um dia para o outro, quase sem preparação emocional. E as questões aqui são mais emocionais do que materiais. Nós temos uma ligação às pessoas no nosso trabalho, que acaba por ser um grupo de pertença muito forte. A falta que se sente tem muito a ver com isso, com o facto de sentirmos que somos parte de uma comunidade, que a comunidade espera que estejamos lá com ela e nós esperamos também que ela esteja connosco. Não só deixámos de ir à Universidade, como deixámos de ir à casa uns dos outros. Se isto fosse sempre assim, era de facto um isolamento muito doloroso.

É a sensação de sair sem despedida?

Também. Eu tinha pensado, em tempos, que, quando fosse para a reforma, haveria de encontrar uma maneira qualquer de agradecer às pessoas todas, nomeadamente às pessoas do Departamento de Ciências da Comunicação e do ICS. Tinha já mais ou menos um

“planozinho” do que queria fazer, muito por reconhecimento e por agradecimento. Por um lado, quero fazer isso; por outro lado, nós nunca queremos dizer adeus completamente, para ficarmos de algum modo com uma pequena ligação. Eu deixo de dar aulas, mas continuo como membro do CECS e isso é um modo de não cortar os cordões todos.

Esta situação também fez com que a última aula quase tivesse passado despercebida?

Eu não ligo demasiado a essas coisas, mas até me esqueci de que ia dar a última aula. Foi uma última aula completamente normal e nesse aspeto também não acho mal. É o fim de um determinado ciclo.

É uma saída discreta de um professor que também teve sempre uma presença discreta na Universidade?

Eu tenho uma situação um pouco diversa relativamente a muitos outros colegas. Eu tive a sorte de fazer duas carreiras na minha vida profissional. A minha carreira académica é uma segunda carreira que me deu bastante

gozo, mas relativamente à qual eu não me sentia completamente dependente e não estava metido nela a 100%, porque 50% já tinham ido para a minha carreira de jornalista. E que até posso considerar que, de alguma maneira, em termos de identidade, me continuou a marcar um pouco. Fiz uma carreira como jornalista e depois fiz uma carreira académica a ensinar jornalismo. Portanto o jornalismo esteve sempre presente nas duas. Fiz o doutoramento, mas não me sentia muito interessado por fazer a carreira académica normal. Não me candidatei a nenhum lugar de Professor Associado. Eu sentia um certo despreendimento, porque em termos identitários, eu ficava feliz só por ter tido a oportunidade de fazer esta segunda carreira.

Foi um professor com vocação de jornalista ou um jornalista com vocação de professor?

No princípio, eu tinha uma certa insegurança. Não tanto no lado do professor, mas no lado do investigador. Uma das coisas que se dizia é que a linguagem académica e a linguagem

jornalística não são propriamente as mesmas. Eu até tinha alguma dúvida sobre o tom adequado, deixando a farda do jornalista e encomendando uma farda de académico. A pouco e pouco eu fui percebendo que talvez não fosse necessário fazer isso. Pelo contrário. As eventuais limitações que esta deformação profissional de ser jornalista trazia podiam ser compensadas por outras coisas que a vida profissional trazia também: uma experiência do mundo vivido profissional na área do jornalismo, que, de facto, muitos académicos não têm e que eu acabei por poder capitalizar, nomeadamente nas aulas. Nas aulas de jornalismo e nas aulas de ética da comunicação, a

minha experiência anterior como jornalista deu-me a possibilidade de animar as aulas no sentido de fazer uma boa articulação entre o que se estudava ali e o que se vivia lá fora, que acabou por ser bastante interessante. Nesse sentido, não precisei de despir completamente a farda de jornalista e, pelo contrário, acho que me reconciliei com essa possibilidade híbrida. Aquilo que eventualmente perdia pelo facto de continuar bastante jornalista era menos

do que aquilo que ganhava ao tentar fazer a simbiose entre os dois mundos, que além do mais são bastante próximos.

E que proximidade há entre a função de provedor e a missão do professor?

Mais do que um fiscalizador, mais do que um castigador, o provedor é um pedagogo. A grande função dos provedores tem a ver com o *desmontar* aquilo que se passa nos média e que muitas vezes é desconhecido das pessoas. Mais do que apontar falhas, mais do que castigar, mais do que punir os jornalistas, a função do provedor é uma função pedagógica. Primeiro saber ouvir e depois tentar que as pessoas façam os seus próprios caminhos e pedagogicamente ajudar a desconstruir as

coisas e a perceber que *isto é sempre mais do que a preto e branco*.

Numa altura em que se fala de crise no jornalismo, porque é que faz sentido continuar a inspirar estudantes para serem jornalistas?

Se há coisa que eu acho triste é uma pessoa ter que escolher a sua vida profissional, a sua carreira, não em função daquilo que a puxa, mas em função daquilo em que é mais fácil encontrar emprego. O jornalismo (no sentido convencional) está em crise, mas a comunicação jornalística e a comunicação no espaço público estão fortíssimas. Há um universo

vastíssimo onde as oportunidades de encontrar um “nichozinho” que me satisfaça são se calhar maiores do que eram no passado. Não tão óbvias, não do emprego para a vida. No entanto, quem queira mesmo ser jornalista, acaba por ser jornalista. Hoje em dia os empregos formais são mais difíceis, mas, por outro lado, as coisas que aparecem a todos os níveis acabam por ter alguns desafios maiores e oportunidades interessantes.

Partilha a ideia de que se está a degradar a condição académica?

Sim, claramente... isso em termos superestruturais. A Universidade está quase a copiar a sociedade no seu pior e não o contrário, quando a universidade devia ser líder, ir à frente da sociedade. A ideia de que a Universidade deve criar emprego para aquilo que a sociedade precisa é pôr a Universidade ao serviço dos empresários e dos políticos. Não faz sentido. A universidade arrisca-se a perder o que mais ninguém pode fazer. Cursos de formação profissional mais ou menos acelerada, preparação de pessoas para entrarem nas empresas... isso não é a grande vocação da Universidade. A grande vocação da Universidade é a criação e a inovação. ☺

Termina o ano letivo em regime de atividade voluntária, já reformado.

Vai manter-se ligado ao CECS para “não cortar os cordões todos”.



“Hoje há um certo endeusamento da técnica e da tecnologia. Os alunos querem mais prática, mas a prática também é observar.”

PERFIL

Jornalista de geração autodidata

É do tempo em que não havia cursos de jornalismo, dos que fizeram a transição dos jornalistas da tarimba e tinham “visão crítica do lado romântico do tarimbeiro, do cavaleiro andante, que mudava o mundo”. Joaquim Fidalgo formou-se em Filologia Germânica na Universidade do Porto. Começou como professor do ensino preparatório e secundário, mas foi no jornalismo que fez metade da carreira. Trabalhou no *Jornal de Notícias* e no *Expresso* e integrou a equipa de jornalistas que fundou o jornal *Público*, de que foi, entre 1999 e 2001, Provedor dos Leitores.

Chegou ao Departamento de Ciências da Comunicação em 1998, dividindo a redação com a sala de aula. Depois fez da sala de aula a redação que lhe alimentou a alma híbrida de jornalista e professor. Doutorou-se em Ética da Comunicação em 2007, mas teve ambição modesta na carreira académica. A hibridização do jornalismo e a identidade dos jornalistas têm sido a principal inquietação científica da atividade de investigador que vai continuar a desenvolver como membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Acredita que a formação académica especializada deve preocupar-se mais com o ser do que com o fazer. Para Joaquim Fidalgo, “a prática também é observar, comparar, pensar, criticar, elaborar, desenvolver”, o que um certo “endeusamento da técnica” pode pôr em perigo.

Foi diretor do *UM Jornal*, um periódico que se publicou em papel na Universidade do Minho no início dos anos 2000. Hoje é comentador da RTP e Provedor do projeto Repórteres em Construção. ☺

MÚSICA PARA ESTUDAR ESCUTAR

em junho e julho
a cada 6ª feira a playlist de
um membro da comunidade do ICS

AGENDA

Provas de Agregação Agendadas

Sara Pereira

Ciências da Comunicação, na especialidade de Educação para os Média

9 e 10 de julho de 2020

Provas de Doutoramento Agendadas

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Larissa Schlögl

"A poética narrativa cinematográfica e a representação da família nos filmes da Walt Disney Picture, da animação para o live-action"

03 de julho de 2020

GEOGRAFIA

Anselmo Belém Machado

"Segregação sócio-espacial em contexto urbano. Um estudo comparativo entre Braga-Portugal e Aracaju-Brasil"

21 de julho de 2020

Catarina Pinheiro

"Análise por Detecção Remota do Processo de Urbanização Difusa e seu Efeito Climático em Braga e Guimarães"

28 de julho de 2020

SOCIOLOGIA

Marta Martins

"Casos criminais transnacionais: média, peritos forenses e performatividade da suspeição"

22 de julho de 2020

1 de julho
17h00

Webinário

Teletrabalho

José David Moral
Universidade Rovira i Virgili

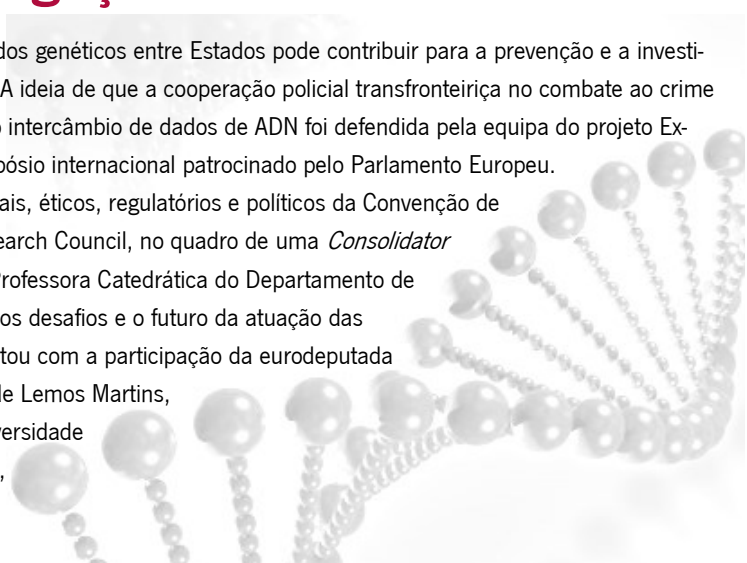
Ciências Sociais & Tempos de Crise

INVESTIGAÇÃO

Simpósio internacional

Intercâmbio transnacional de ADN pode favorecer investigação de crimes

A partilha de informação sobre dados genéticos entre Estados pode contribuir para a prevenção e a investigação de crimes a nível internacional. A ideia de que a cooperação policial transfronteiriça no combate ao crime e à imigração ilegal pode beneficiar do intercâmbio de dados de ADN foi defendida pela equipa do projeto Exchange, no dia 22 de junho, num simpósio internacional patrocinado pelo Parlamento Europeu.

O estudo sobre os impactos sociais, éticos, regulatórios e políticos da Convenção de Prüm é financiado pelo European Research Council, no quadro de uma *Consolidator Grant* liderada por Helena Machado, Professora Catedrática do Departamento de Sociologia. Com o objetivo de debater os desafios e o futuro da atuação das autoridades europeias, o encontro contou com a participação da eurodeputada Isabel Estrada Carvalhais, de Moisés de Lemos Martins, diretor do CECS, do Pró-Reitor da Universidade do Minho para Investigação, Filipe Vaz, e de especialistas de investigação forense. 

Arqueologia

Investigadora do Lab2PT vence

Prémio Nacional Eduardo da Cunha Serrão

Fernanda Magalhães estudou as casas romanas ibéricas e estabeleceu ligações entre a arquitetura doméstica romana urbana e as cidades atuais. A tese que defendeu na Universidade do Minho em 2019 foi agora distinguida com o Prémio Eduardo da Cunha Serrão como a melhor tese nacional em Arqueologia.


O prémio, no valor monetário de 2.500 €, foi entregue pelo presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, José Arnaud, em Lisboa.

Com o título "*A domus romana no noroeste peninsu-*



lar: arquitetura, construção e sociabilidades" e orientação de Manuela Martins, Professora Catedrática do ICS, e Ricardo Mar Medina da Universidad Rovira i Virgili, a tese vai ser publicada em livro até ao final do ano.

Fernanda Magalhães é arqueóloga da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e investigadora do Lab2PT. É corresponsável pelo projeto científico Teatro Romano de Bracara Augusta e pelo projeto de musealização da área arqueológica das Carvalheiras

e codirige escavações em vários locais de Braga. 

ENSINO

170 candidatos a Mestrado na 1ª fase

Mais de metade das vagas dos cursos de Mestrado do ICS ficaram preenchidas na primeira fase de candidatura, que encerrou a 12 de junho. No conjunto, os oito cursos que abriram o concurso a 1 de junho registaram um total de 170 candidatos, menos 48 candidatos que em igual período do ano passado. As principais quebras registaram-se nos Mestrados em

Comunicação, Arte e Cultura, Comunicação de Ciência, Crime, Diferença e Desigualdade e Património Cultural. Pelo contrário, o Mestrado em Sociologia registou um aumento de cinco candidatos relativamente ao ano de 2019/2020. O Mestrado em Ciências da Comunicação encerrou a primeira fase mais cedo, em abril, com 101 candidatos. 